

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo, Cortez, 1994.

SAVIANI, Demerval. **Educação: do Senso Comum à Consciência Filosófica**. São Paulo: Autores Associados, 2000.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 22 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2002.

www.filosofia.comeducação , acessada, setembro/2003.



BIBLIOGRAFIA

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda Aranha. **Filosofando: Introdução a Filosofia**. 2 ed. rev. atual. São Paulo: Moderna, 1993.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Aristóteles. **Metafísica**. São Paulo.

_____, **Política**. 2. ed. São Paulo, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.

COTRIM, Gilberto Vieira. **Fundamentos da Educação: História e Filosofia da Educação**. 9 ed. São Paulo: Saraiva, 1984.

Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda. 1998.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Pensamento Pedagógico Brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

GHIRALDELLI JR, Paulo (org.). **Estilos em Filosofia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. **O Que Você Precisa Saber Sobre Filosofia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CONCLUSÃO

Percebe-se que para se concluir algo sobre este assunto, é no dia em que algum Pensador desvendar o segredo do conceito sobre Filosofia/Mito, este terá destruído a idéia que nutre o homem durante séculos, pois o pensar filosófico é inerente ao ser humano, e defini-los através de conceitos seria aprisionar a própria capacidade do pensar em limites que impossibilitariam o engendramento de novos e reflexão de antigos conceitos e idéias.

Partindo da idéia de que “filosofia é criar conceitos”, conceituar a Filosofia é muito mais do que neologismos. Conceituar a Filosofia/Mito é pensar continuamente no ato dinâmico da reflexão, auto-reflexão e originalidade de surpreender-se diante do imprevisto, do inexplicável, do maravilhoso... do indizível. Em suma, as velhas fórmulas e as antigas teorias devem ser vistas como conhecimentos necessários para identificar na educação o que já foi superado e o que nesse “mar de palavras” pode contribuir para o processo de aprendizagem dos alunos na atualidade.

Precisa-se apropriar de novos instrumentos de análise da realidade social e educacional, pois querer enxergar o presente e vislumbrar o futuro com os olhos do passado é o mesmo que exigir da borboleta que volte ao casulo para aprender a voar com maestria.

A riqueza da narração mitológica levou a perguntar pelo que teria sido a forma de pensar o mundo antes do mito. A explicação encontrada para o momento pré-mítico foi o Sagrado (em grego Hierós) que, com o surgimento do mito, tornou-se parte essencial do mesmo. O mito não é resultado de delírio, nem uma simples mentira, ele ainda faz parte da nossa vida cotidiana, como uma das formas indispensáveis do existir humano. A lista possível de conotações diversas que o mito assume não termina aqui, detalhou-se alguns conceitos amplos e ricos que não se esgota numa só linha de interpretação.

Duas características caracterizam o pensamento grego novo, na filosofia: Em uma a rejeição, na explicação da coisa sobrenatural, da coisa maravilhosa. Por outro lado, a ruptura com a lógica ; a procura, na fala, de uma coerência interna, por uma definição rigorosa dos conceitos, de uma delimitação líquida dos níveis da realidade, de uma observância rígida do princípio de identidade.

Na Meia Idade o simbolismo quis explicar o pensamento mítico como um insipiente de forma e rudimentar de filosofia. Então no século XIX foi acrescentado ao debate que as cidades da antigüidade não pudessem consentir ao conhecimento completo das coisas e então eles foram apresentados antes deles noções difusas que se tornaram mitos. O erro viria então por parte desses que interpretaram os textos que observam neles presenças da ordem fantástica.

O Mito é introduzido na ciência moderna pela psicanálise, fica presente no poema, é anunciado quando o problema da outra coisa surgir. Não é capaz para o racional pensou exterminar isto porque é conservado inofensivo na figura da coisa irracional emanada por cada indivíduo

A narração dos últimos eventos que habitualmente em nossa cultura, a partir dos gregos, é subordinado à sanção da ciência " histórica ", colocou debaixo da precaução imperiosa da real coisa, justificada por princípios de exibição racional, verdadeiramente difere em alguma característica específica, em uma certa relevância, da narração imaginária da mesma maneira que pode estar no poema épico, o romance e o drama.

2.7. MITO E SOCIEDADE

Como forma de comunicação humana, o mito está obviamente relacionado com questões de linguagem e também da vida social do homem, uma vez que a narração dos mitos é própria de uma comunidade e de uma tradição comum. Não se conseguiu definir, no entanto, a natureza precisa dessas relações. Alguns lingüistas admitem explicitamente a necessidade de uma ciência mais abrangente, como por exemplo uma nova ciência geral da semiologia, cuja tarefa seria estudar todos os signos essenciais à vida social, e uma nova psicologia, que caracterizaria inicialmente vários sistemas do conhecimento e da crença humanas.

O mito pinta uma imagem, um símbolo, se a pessoa quiser, uma realidade que pode ser expressa caso contrário. É muito provável que para o mesmo poeta, o episódio seja só uns meios de expressão, uma forma de revelação que ajuda conceber o mistério do mundo, mas aquele que não deveriam levar ao pé da carta. O mito, deste modo, só não abraça e mostra, mas bastante confirma, a existência da heterogeneidade; na operação deles/delas não é participante a negação, e se for isto, representa uma parte mais que a possível coisa. Se a pessoa pensa o mito como a narração da coisa irreal, então ao se lembrar que a irrealidade recupera à realidade enquanto o segundo é limitado para negar o primeiro. O mito é o mecanismo chamado que narra em todas suas formas a Realidade.

A coisa mais freqüente é que as lendas pertencem ao domínio da religião porque elas fazem forças ou seres que são considerados os superiores aos humanos para intervir. Sabe-se que os cretenses praticaram jogos de habilidade com touros, enquanto pulando para dentro no lombo dos animais do momento da estocada. O touro de Minos, o Minotauro, poderia ser a variação da prática ancestral.

Por outro lado, na Grécia nos séculos de XII a VIII não tinha surgido a escritura a.C. e o conhecimento severo cultural foi transmitido vocalmente. Agora, a cultura grega viu as relações dos homens a um ao outro e com o ambiente em termos de um conflito permanente, julgou o comportamento humano de acordo com algumas regras que aprovaram a defesa a honra, da posição social e a dignidade, contra qualquer insulto ou humilhação (real ou imaginário) e aceitou, no teatro, com compreensão apaixonada, todos esses trabalhos cuja razão cultural era a vingança violenta e a vingança, tanto sobrenatural como humano.

No mito é exaltado a coisa bonita, a coisa forte, a coisa capaz. Para os gregos o mais terrível nas injustiças era qualquer aparecimento de fracasso, de fraqueza ou dependência.

Não pode ser pensado que cada história e episódio é estruturado em um fato; fazer isto pretende negar a surpresa do mito na frente da outra coisa, a coisa estranha que não só inclui o inexplicável do mundo externo mas o confuso do interno. A estranheza e a ignorância geram uma ordem dentro do mito. Os deuses possuem apetites como os indivíduos mas o fato de ser distribuído em uma família, Zeus para a cabeça, supõe a presença de uma Ordem. O mito pressagia um Cosmo, não uns Caos.

cristaliza ao longo de gerações. A *literatura* tende a explicar, a clarificar e desenvolver o mito que havia nascido de forma fragmentária e, por vezes, pouco coerente. À medida que é adaptado à esfera e às dimensões da vida humana, manipulado e elaborado conscientemente pelos indivíduos, o mito se dilui em suas características originais para tornar-se lenda, saga, epopéia, fábula, história, conto e novela.

2.6. O MITO HOJE

Mas, e quanto aos nossos dias, os mitos são diferentes? O homem moderno, tanto quanto o antigo, não é só razão, mas também afetividade e emoção. Hoje em dia, os meios de comunicação de massa trabalham em cima dos desejos e anseios que existem na nossa natureza inconsciente e primitiva.

O mito recuperado do cotidiano do homem contemporâneo, não se apresenta com a abrangência que se fazia sentir no homem primitivo. Os mitos modernos não abrangem mais a totalidade do real como ocorria nos mitos gregos, romanos ou indígenas. Pode-se escolher um mito da sensualidade, outro da maternidade, sem que tenham de ser coerentes entre si. Os super-heróis dos desenhos animados e dos quadrinhos, bem como os personagens de filmes (Rambo e outros), passam a encarnar o Bem e a Justiça, assumindo a nossa proteção imaginária.

A própria ciência pode virar um mito, quando somos levados a acreditar que ela é feita à margem da sociedade e de seus interesses, que mantém total objetividade e que é neutra. Como mito e razão habitam o mesmo mundo, o pensamento reflexivo pode rejeitar alguns mitos, principalmente os que vinculam valores destrutivos ou que levam à desumanização da sociedade. Cabe a cada um escolher quais serão os modelos de vida.

A riqueza da narração mitológica levou a perguntar pelo que teria sido a forma de pensar o mundo antes do mito. A explicação encontrada para o momento pré-mítico foi o Sagrado (em grego Hierós) que, com o surgimento do mito, tornou-se parte essencial do mesmo. A institucionalização do Sagrado e a organização da classe sacerdotal apareceram claramente no período palaciano para dar suporte ao rei. A religião trouxe a idéia de um mundo profano contra um mundo divino e a necessidade de religar o homem ao divino.

compatível com conceitos racionais e em doutrinas sistematizadas. O mito abrange maior amplitude de mensagens, desde atitudes antropológicas muito imprecisas, até conteúdos religiosos, pré-científicos, tribais, folclóricos ou simplesmente anedóticos, que são aceitos e formulados de modo menos consciente e deliberado, mais espontâneo, sem considerações críticas.

Pode-se distinguir três fases na formação dos conceitos de *deuses*: 1) se caracteriza pela multiplicidade de deuses momentâneos, assim chamados porque não perduram além do momento, às vezes um conteúdo mental, como a alegria, a decisão, a inteligência, outras, de um objeto ou de qualquer realidade percebida como tenha sido repentinamente enviada do Céu; 2) há descoberta do sentimento da individualidade do divino, dos elementos pessoais do sagrado, toda atividade humana particular ganha o seu deus funcional, que vigia cada etapa do trabalho dos homens; 3) caracteriza-se pelo aparecimento do deus pessoal, ele é fruto do processo histórico que inclui o desenvolvimento. O deus pessoal caracteriza-se por se capaz de sofrer e agir com os homens. Como exemplo, a deusa grega Atenas, filha de Zeus, surge inicialmente como deusa guerreira, que protege os exércitos, ao mesmo tempo, é deusa da sabedoria, a protetora da cidade de Atenas.

2.5. MITO E ARTE

Pelo caráter simbólico que reveste, o mito pode ser considerado manifestação artística e geradora de arte. Em cada povo e civilização, os mitos são fonte de inspiração para as mais diversas obras de arte, assim como as fantasias e criações imaginárias dos sonhos e dos estados alterados da consciência são também estímulos à atividade artística. Os monumentos megalíticos, a disposição dos túmulos e a maneira de construir os templos são a expressão plástica da crença num destino ultraterreno e num vínculo do homem com a Terra e o universo. A própria arquitetura clássica, ao igualar a estrutura dos templos e dos palácios da administração civil, não fez mais que plasmar o mito do homem renascentista, aquele que se converte em centro do universo e acaba por proclamar deusa a sua própria faculdade racional.

Uma conexão mais estreita, embora menos definida, pode ser apontada entre mito e literatura. O *mito* é originalmente uma narração oral espontânea que se

deuses escandinavos que ocupavam posição superior no grande templo de Uppsala eram Odin, Thor e Frey. Segundo o historiador das religiões Georges Dumézil, eles representavam as três funções da sociedade indo-européia: autoridade, poder e fecundidade. Odin era o deus da suprema autoridade cósmica, pai universal, rei dos deuses e senhor do Valhalla (a morada final dos guerreiros mortos em combate). Thor era o deus guerreiro e do trovão, correspondente ao deus védico Indra. É representado como um gigante de barba ruiva, e os mitos narram seus festejos pela vitória sobre as forças do caos. Durante o período das migrações e do florescimento dos viquingues (entre o século IX e XI da era cristã, aproximadamente), em que predominava o ideal guerreiro, a primazia sobre os deuses era atribuída a Thor. Frey era o deus da fecundidade, representado com um falo de proporções exageradas. Governava a chuva e o brilho do sol e, conseqüentemente, o crescimento das plantas e as colheitas.

2.4. MITO E RELIGIÃO

Alguns especialistas, como Mircea Eliade, estudioso de história comparada das religiões, atribuem importância especial ao contexto religioso do mito. Com efeito, são muito freqüentes os mitos que versam sobre a origem dos deuses e do mundo (chamados, respectivamente, mitos teogônicos e cosmogônicos), dos homens, de determinados ritos religiosos, de preceitos morais, tabus, pecados e redenção.

O mito, portanto, é uma linguagem apropriada para a religião. Isso não significa que a religião, tampouco o mito, conte uma história falsa, mas que ambos traduzem numa linguagem plástica (isto é, em descrições e narrações) uma realidade que transcende o senso comum e a racionalidade humana e que, portanto, não cabe em meros conceitos analíticos.

Não importa, do ponto de vista, do estudo da mitologia e da religião, que Prometeu não tenha sido realmente acorrentado a um rochedo com um abutre a comer-lhe as entranhas, nem que Deus não tenha criado o ser humano a partir do barro. Religião e mito diferem, não quanto à verdade ou falsidade daquilo que narram, mas quanto ao tipo de mensagem que transmitem.

A mensagem religiosa geralmente exige determinado comportamento perante Deus, o sagrado e os homens, e é, muitas vezes, formulada de forma

A decorrência do coletivismo é o dogmatismo: a consciência mítica é ingênua, desprovida de problematização e supõe a aceitação tácita dos mitos e das prescrições dos rituais. A adesão ao mito é feita pela fé, pela crença. Da visão dogmática decorre a moral dogmatizante, pois, na comunidade que vive sob a preponderância do mito, que a dimensão pessoal se acha submetida ao coletivismo, determinando a adaptação sem crítica do indivíduo às normas da tradição.

2.3. MITO E MITOLOGIA

A história de Prometeu, acorrentado pelos deuses como castigo por haver-lhes arrebatado o fogo para entregá-lo aos homens, e a especulação sobre a existência do "bom selvagem", criada para explicar a suposta evolução cultural da humanidade, apesar de tão claramente distintas e distantes, são quase unanimemente consideradas de caráter mítico.

Mito é uma narrativa tradicional de conteúdo religioso, que procura explicar os principais acontecimentos da vida por meio do sobrenatural. O conjunto de narrativas desse tipo e o estudo das concepções mitológicas encaradas como um dos elementos integrantes da vida social são denominados **Mitologia**.

2.3.1. DEUSES E HERÓIS

Em muitas mitologias, delineiam-se hierarquias de deuses, cada uma com um ou mais deuses supremos. A supremacia pode ser partilhada pelos membros de um casal, ou ser atribuída simultaneamente a dois ou três deuses distintos. Pode também variar com o tempo, segundo circunstâncias históricas, como por exemplo o domínio de um povo sobre outro ou o predomínio de determinados interesses e atividades (de tipo agrícola, guerreiro etc.). São freqüentes os relatos de deuses supremos, por vezes identificados como criadores originais do mundo, que a seguir ficam inativos e deixam o governo a cargo de outro deus ou deuses. Em tais casos, a supremacia significa perfeição, autonomia, onipotência (relativa), mas não unicidade, como é o caso nas religiões monoteístas.

Na mitologia grega, segundo a apresentação de Homero, Zeus é o "pai dos deuses e dos homens". Essa expressão não significa que ele seja um deus criador, mas sim representante da figura do patriarca familiar. Os três grandes

2.2. FUNÇÕES DO MITO

O mito enquanto forma de compreensão, a sua função não é, primordialmente, explicar a realidade, mas acomodar a tranquilizar o homem em um mundo assustador.

Os primeiros modelos de construção do real são de *natureza sobrenatural*, isto é, o homem recorre aos *deuses* para apaziguar sua aflição. É um discurso de tal força, que se estende por todas as dependências da realidade vivida, e não apenas no campo sagrado (relação entre o homem e o divino), mas existe em toda a atividade humana. Exemplifica-se a seguir, que o mito se manifesta:

- *Na preocupação com a origem divina da técnica:* como a exemplo do mito de Prometeu, que roubou o fogo dos deuses para dá-los aos homens;
- *Na natureza divina dos instrumentos:* ainda em nossos dias subsiste entre os povos primitivos o culto a certos utensílios, como a enxada ou o anzol, a lança ou a espada;
- *Na origem da agricultura:* o mito indígena de Mani, cujo túmulo nasce a mandioca, alimento básico; ou o mito grego de Perséfone, levada por Hades para seu castelo tenebroso, simbolizando o trigo enterrado como semente e renascendo como planta; na origem dos males: o mito de Pandora;
- *Na fertilidade das mulheres:* os arunta, povo australiano, acham que os espíritos dos mortos esperam a hora de renascer e penetram no ventre das mulheres quando elas passam por certos locais.

Para Mircea Eliade, filósofo romeno estudioso do mito e das religiões, uma das funções do *mito* é *fixar os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas*.

A forma sobrenatural de descrever a realidade é coerente com a maneira mágica pela qual o homem age sobre o mundo, como, por exemplo, com os inúmeros ritos de passagem do nascimento, do casamento, da morte, da infância para a idade adulta. Sem os ritos, é como se os fatos naturais não pudessem se concretizar de fato.

Como todo real é interpretado por meio do mito, e sendo a consciência mítica uma consciência comunitária, o homem primitivo desempenha papéis que o distanciam da percepção de si como o sujeito propriamente dito.

CAPÍTULO II

MITO

2.1. DEFINIÇÃO: O QUE É UM MITO?

Um mito é uma narrativa sobre a origem de alguma coisa, (origem dos astros, da Terra, dos homens, das plantas, dos animais, do fogo, da água dos ventos, do bem e do mal, da saúde e da doença, da morte, dos instrumentos de trabalho, das raças, da morte, dos instrumentos de trabalho, das raças, das guerras, do poder e outros).

A palavra mito vem do grego, *mythos*, e deriva de dois verbos: do verbo *mytheyo* (contar, narrar, falar alguma coisa para os outros) e do verbo *mytheo* (conversar, contar, anunciar, nomear, designar)

Normalmente, associa-se, erroneamente, o conceito de mito a: mentira, ilusão, ídolo e lenda. O mito não é uma mentira, pois é verdadeiro para quem vive. A narração de determinada história mítica é uma primeira atribuição de sentido ao mundo, sobre o qual a afetividade e a imaginação exercem grande papel.

Não se pode afirmar também que o mito é uma ilusão, pois sua história tem uma racionalidade, mesmo que não tenha uma lógica, por trabalhar com a fantasia. Devemos diferenciar mito e ídolo, pois mesmo existindo uma relação entre eles, o mito é muito "maior" que o ídolo (objeto de paixão, veneração).

O mito é muito confundido com o conceito de lenda, porém esta não tem compromisso nenhum com a realidade, são meras histórias sobrenaturais, como é o caso da mula sem cabeça e do saci pererê. O mito não é exclusividade de povos primitivos, nem de civilizações nascentes, mas existe em todos os tempos e culturas como componente indissociável da maneira humana de compreender a realidade.

Pode-se perceber que o mito é uma intuição compreensiva da realidade, é uma forma espontânea do homem situar-se no mundo. E as raízes do mito não se acham nas explicações exclusivamente, racionais, mas na realidade vivida, portanto pré-reflexiva, das emoções e da afetividade.

O primeiro passo do processo educativo na “pós-narrativa”, começa pela consciência de que temos várias descrições do que chamamos de realidade. “Dependendo das palavras, certas coisas existem e são importantes. Se as palavras são outras, estas coisas são lixos (...) Tudo é discurso: a ciência, a religião, o saber, a arte, a educação. Há um discurso opressor e um discurso libertador”⁵ Os discursos (falados , escritos) são materializações das vontades de verdade e de poder.

É essa nova forma de encarar a educação que encanta os educadores cansados pelo tecnicismo oficial e pelo neo-tecnicismo progressista. Recupera assim, na sala de aula, a beleza, o indivíduo, o pessoal, o poético, o inconsciente, a emoção. O real, na atualidade, é uma escrita discursiva. Assim sendo, o termo realidade é complexo, não só porque entre a realidade e a ficção existe uma linha tênue, mas porque ambas estão sendo conceituadas e expostas segundo meios de comunicação cada vez mais inusitados. Em alguns extremos, a virtualidade é preferida frente a realidade.

A adoção por si só das narrativas no espaço escolar, não irá solucionar os problemas do ensino nem tão pouco revelar as nuances das diversas formas de discursos. É no fazer pedagógico e na relação professor e aluno, que as narrativas devem ganhar sentido e encontrar “jogos de linguagem” ou seus significados.

Os “jogos de linguagem” ou jogos imaginários, são estruturados de diferentes formas, estilos e gêneros recorrentes conforme o interesse em jogo. Há mensagens discursivas que causam maior efeito se forem transmitidas através da música, da poesia, da literatura, de um filme, de uma novela.

As teorias desenvolvidas pelos professores deveriam ser entendidas como forma de narrativas. A ciência, os mitos, o senso comum, as lendas, são narrativas discursivas construídas pelos homens de forma histórica e social.

Se os diversos discursos forem vistos como narrativas, o professor não pode privilegiar uma forma de conhecimento em detrimento de outra. Amplia-se assim, o acesso a formas variadas de conhecimentos e a utilização de recursos metodológicos como a televisão, o rádio, a internet, o cd-rom, o vídeo-cassete, o gravador, a filmadora. O quadro e o giz não podem continuar sendo a única referência do espaço escolar.

⁵ GADOTTI. Pensamento Pedagógico Brasileiro. 1988, p 56.

desessencializam a verdade, ou no limite, que retiram da verdade qualquer conotação metafísica.”⁴

Os professores e pedagogos acreditaram (de acordo com seus desejos de verdade) naqueles que tinham na boca a “fala de Deus”, daí terem se jogado nos braços do que houve de mais dogmático na história da educação brasileira, que foi o que Ghiraldelli caracterizou de marxismo pedagógico dos anos de 1980.

Investigar uma palavra é vê-la em sua relação com outras palavras, ver seu uso e fazer uso dela. A nova postura pedagógica que busca construir um novo referencial de entendimento da educação é a “pós-virada em favor das narrativas”. Esta nova postura em filosofia da educação representa um conjunto dinâmico de preceitos que parecem querer vingar uma nova postura de uma nova geração de professores comprometidos com a fertilização da imaginação, mais do que com o conhecimento dos saberes.

A imaginação constitui um dos fatores internos imprescindíveis à aprendizagem e a cognição dos alunos. Para que essa possibilidade se materialize, se faz necessário, localizar o aparecimento do novo pensar e agir e a de conhecer o velho. O saber constituído, que se quer natural e universal, e nega com isso a pluralidade de culturas existentes no cotidiano. De acordo com Certau:

(...) no cotidiano existem mil maneiras de jogar/ desfazer o jogo do outro, ou seja, o espaço instituído por outros em termos de discursos ou prática de escrita. Esse jogo caracteriza-se numa atividade sutil, tenaz, resistente, de grupos, que, por não ter um próprio, deve desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas manifestas nos atos de andar, falar, ler, cozinhar. (A Invenção do Cotidiano. 1994: 79)

A “pós-narrativa” caracteriza-se por uma retórica educacional em construção. Até o século XVII e XVIII, a realidade era considerada através da metafísica. Com o advento da modernidade ou pós-modernidade, o real passou a ser uma questão debatida por narrativas formadoras de novos espaços: o cinema, a literatura, a ficção, a arte, a música, a poesia, a indústria cultural, o jornal televisado ou escrito.

⁴ Ghiraldelli. Estilos em Educação. 2000.; p. 7.

possível aos educadores, a compreensão da necessidade da valorização dos conteúdos em confronto com as realidades sociais.

Por sua vez, Moacir Gadotti, através de sua “Pedagogia do Conflito”, apesar do autor considerá-la como prática e não como teoria, nos demonstra que “toda construção da história e de suas idéias é certamente desconstruída, contraditória, fragmentada, como aliás, a história das idéias de todos os tempos”³

1.6. CONCEPÇÃO DA VERDADE E A TEORIA DEFLACIONÁRIA

Ghiraldelli compreende o grupo de teóricos conhecidos como os deflacionistas. Antes de aprofundarmos nesse campo desconhecido, se faz necessário compreender a questão que fundamenta os trabalhos desse grupo – A concepção da verdade. A verdade é o tema central da Filosofia, da Filosofia da Educação e do próprio pensamento pedagógico. O que mantém a crença nos discursos de um indivíduo, os quais ele desenvolve no decorrer do dia, de acordo com seus variados papéis sociais é a verdade, ou numa leitura foucaultiana, o desejo de verdade:

“Se nos situarmos no nível de uma proposição, no interior de um discurso, a separação entre o verdadeiro e o falso, não é nem arbitrária, nem modificável, nem institucional, nem violenta. Mas se situamos em outra escala, se levantamos a questão de saber qual foi, qual é constantemente, através de nosso discurso, essa vontade de verdade que atravessou tanto séculos de nossa história ou qual é, em sua forma muito geral, o tipo de separação que rege nossa vontade de saber é talvez algo como um sistema de exclusão: histórico, institucionalmente constrangedor que vemos desenhar-se”. (A Ordem do Discurso, 2000, p.14)

Da Grécia Antiga até o advento da pós-modernidade foram inúmeros os teóricos e filósofos que se preocuparam em estabelecer a essência da verdade. Na atualidade, esses estudos compreendem a Teoria da Correspondência, a Teoria da Coerência e a Teoria Deflacionária.

De acordo com Ghiraldelli, o deflacionismo “é o movimento dos filósofos adeptos da teoria da verdade que dessubstantivam a verdade, que

³ GADOTTI, Moacir, Pensamento Pedagógico Brasileiro .1988: p. 118.

José Carlos Libâneo irá perceber que o monopólio do conhecimento é o fator que contribui para a manutenção de uma estrutura social. A possibilidade para mudança está na apropriação do conhecimento por parte daqueles que estão à margem da sociedade. É este o princípio que irá reger a Pedagogia Crítico Social dos Conteúdos. Segundo Libâneo, a Pedagogia Crítico Social dos Conteúdos:

(...) postula para o ensino a tarefa de propiciar aos alunos o desenvolvimento de suas capacidades e habilidades intelectuais, mediante a transmissão e a aquisição ativa dos conteúdos escolares, articulando no mesmo processo, a aquisição e noções sistematizadas e as qualidades individuais dos alunos que lhe possibilitam a auto-atividade e a busca independente e criativa das noções (Didática, 1994:70).

De acordo com o pensamento de Libâneo, é através do domínio de conteúdos científicos, de métodos de estudos e habilidades e hábitos de raciocínio científico é que os alunos poderão formar consciência crítica face às realidades sociais e assim terão capacidade de assumir no conjunto das lutas sociais a sua condição de agentes ativos das transformações sociais e de si próprios.

Apesar das considerações apresentadas, o objetivo não é o de demonstrar, por exemplo uma trajetória teórica de Paulo Freire desde a “Pedagogia do Oprimido” até “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente”, ou sobre a Pedagogia Libertadora, o que não é uma tarefa fácil quando se quer apresentar algo de novo. Paulo Freire é um dos autores mais lido, discutido, criticado, odiado e amado por esses rincões do Brasil. É preciso perceber que seus estudos inauguraram a possibilidade de um pensamento autônomo do sistema educacional.

Demerval Saviani, foi um dos pioneiros na década de 70, a desenvolver a tentativa de encaminhar dialeticamente o problema dos objetivos e meios da educação brasileira. Sua teoria, sobre a “curvatura da vara agregada aos pressupostos da pedagogia para além da essência e da existência”² causaram várias discussões no seio acadêmico.

O estudo das tendências pedagógicas na prática escolar: liberais e progressistas, realizado por José Carlos Libâneo, trouxe grandes contribuições para o campo educacional. Através da tendência Crítico Social dos Conteúdos, foi

² SAVIANI, Demerval, Educação: do Senso Comum à Consciência. Filosófica . 2000. p. 62.

dado conteúdo x. Ensinar (em contextos, agora, estritamente educacionais) é desenvolver certas atividades com a intenção de que os alunos aprendam e *compreendam* um dado conteúdo x.

- *Segundo*: Ensinar, como visto, é sempre ensinar um certo conteúdo. Mas é perfeitamente possível que o conteúdo a ser ensinado, em um dado momento, seja o próprio ato de ensinar, ou a própria arte (ou habilidade) de ensinar. Neste caso, o próprio ensino seria o conteúdo do ensino.
- *Terceiro*: O ensino que leva à aprendizagem sem compreensão e a aprendizagem não acompanhada de compreensão são, como acabamos de ver, não-educacionais. O elemento que os torna educacionais é a *compreensão*.
- *Quarto*: Quando o conteúdo do ensino é o próprio ensino (a arte ou habilidade de ensinar), também este conteúdo pode ser ensinado de maneira não-educacional e de maneira educacional, isto é, com a intenção de que os alunos meramente o dominem ou com a intenção de que os alunos o dominem e compreendam.
- *Quinto*: Quem aprende com compreensão um conteúdo qualquer (diferente do ato ou da habilidade de ensinar) geralmente tem melhores condições de ensinar aquele conteúdo, ou mesmo de ensinar a ensinar aquele conteúdo, do que alguém que só se preocupa com ensinar o ato ou a habilidade de ensinar (em geral).

1.5. CONTRIBUIÇÃO DE ALGUNS AUTORES

As idéias filosóficas de Paulo Freire, Moacir Gadotti e Demerval Saviani, contribuíram de forma significativa para a formação da concepção da educação como um ato político e transformador da realidade social. Essa concepção foi lida por muitos professores e pedagogos de forma equivocada. Em conseqüência, a prática pedagógica passou a ser direcionada para a formação política em detrimento das demais habilidades necessárias a formação de um sujeito atuante na sociedade e conhecedor de sua história.

Parece óbvio que pode haver aprendizagem sem ensino. Observa-se que anteriormente o fato de que é possível que, durante uma aula ou exposição, alguém aprenda coisas que o professor não está querendo lhe ensinar (isto é, coisas que o professor não tem a intenção de que ele venha a aprender), como, por exemplo, que o assunto da exposição é terrivelmente maçante. Este seria um exemplo de aprendizagem sem ensino. Acabamos de sugerir que o chamado auto-didata é, na realidade, um auto-aprendiz, alguém que aprende um certo conteúdo sozinho, e não alguém que o ensina a si mesmo.

Um dos fatores mais importantes a incidir sobre a aprendizagem é a experiência anterior do aluno com conteúdos semelhantes aos que agora se pretende que ele aprenda, a bagagem de experiência e conhecimento que ele traz consigo. É somente na medida em que estes fatores incidem de maneira favorável sobre o aluno que ele vem a aprender, e conclui-se: A aprendizagem do aluno é sempre uma auto-aprendizagem: se ele está doente, ou sub-nutrido, ou não tem motivação, ele não aprende, por melhor que seja o professor. Ao professor cabe, portanto, simplesmente *facilitar a aprendizagem*, remover os obstáculos a ela, criar-lhe condições propícias. A aprendizagem, porém, é sempre um ato do aluno e nunca a consequência de um ato do professor, a saber, do ato de ensinar. Toda aprendizagem, portanto, diz o *slogan*, é auto-aprendizagem.

Há um certo sentido em que é verdade que toda aprendizagem é auto-aprendizagem, que é o seguinte: ninguém pode aprender por mim. Se eu quero vir a saber (ou dominar) um certo conteúdo, sou eu e ninguém mais que tenho que aprender esse conteúdo.

Alguém pode me explicar em detalhe o conteúdo a ser aprendido, pode discuti-lo comigo, esclarecer minhas dúvidas, estabelecer paralelos entre esse conteúdo e outros que já conheço (ou domino), etc., mas a aprendizagem, em última instância, é minha. Sou eu que tenho que assimilar, compreender, dominar o que deve ser aprendido. Se é só isso que se quer dizer quando se afirma que toda aprendizagem é auto-aprendizagem, então o *slogan* é perfeitamente aceitável.

Pode-se observar que vários problemas muito interessantes poderiam ser levantados, como elemento para futuras reflexões.

- *Primeiro*: Ensinar (em geral, incluindo-se ensinar em contextos não-educacionais) é desenvolver certas atividades com a intenção de que os alunos aprendam um

ao ensino! Viva a aprendizagem!" Outros fazem uso de certos *slogans* meio obscuros: "Toda aprendizagem é auto-aprendizagem".

Na discussão dos conceitos de ensino e aprendizagem fazendo a seguinte pergunta: pode haver ensino sem que haja aprendizagem? Analisa-se uma situação em que um professor universitário apresente, em detalhes, os aspectos mais difíceis e complicados da teoria da relatividade de Einstein a grupo de crianças de sete anos. Analise-se que o professor em questão seja profundo conhecedor do assunto e faça uma brilhante exposição, utilizando meios audiovisuais ou quaisquer outros recursos que a didática moderna possa recomendar.

Apesar de tudo isso, as crianças nada aprendem daquilo que ele apresentou. Pode-se dizer que, embora as crianças nada tenham *aprendido* acerca da teoria da relatividade de Einstein, o professor esteve *ensinando* durante sua apresentação? A resposta afirmativa, neste caso claramente extremo e exagerado, parece pouco plausível.

Muitas pessoas dão uma resposta negativa a esta pergunta, afirmando que *não há ensino sem aprendizagem*. Este é um dos *slogans* que freqüentemente aparecem na literatura educacional.

Do outro lado, porém, estariam aqueles que, quando confrontados com situações desse tipo, levantam a seguinte questão: Será que não houve *mesmo* aprendizagem? Ainda supondo que os alunos, tanto em um como no outro caso, nada tenham aprendido acerca da teoria da relatividade de Einstein, argumentam, será que eles não aprenderam *alguma coisa* através da exposição do professor?

A dificuldade com essa sugestão é óbvia: embora possa ter havido aprendizagem nas situações imaginadas, o que os alunos aprenderam não foi aquilo que o professor lhes estava expondo!

Observa-se com atenção a algo muito simples, como a regência do verbo *ensinar*, quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. A situação de ensino é uma situação que envolve três componentes básicos: alguém que ensina (o professor), alguém que é ensinado (o aluno), e algo que o primeiro ensina ao segundo (o conteúdo).

Se é verdade que não há ensino sem aprendizagem, então não existe uma distinção entre *ensino bem sucedido* e *ensino mal sucedido*. Todo ensino é, por definição, bem sucedido, isto é, resulta, necessariamente, em aprendizagem.

É a educação transmissão de conhecimentos? É a educação preparação para a cidadania democrática responsável? É a educação o desenvolvimento das potencialidades do indivíduo? É a educação adestramento para o exercício de uma profissão? As várias respostas, em sua maioria conflitantes, dadas a essas perguntas são indicativas da adoção de conceitos de educação diferentes, muitas vezes incompatíveis, por parte dos que se preocupam em responder a elas. Este fato, por si só, já aponta para a necessidade de uma reflexão sistemática e profunda sobre o que seja a educação, isto é, sobre o conceito de educação.

Assim que se começa a fazer isso, porém, percebe-se que a tarefa de clarificação e elucidação do conceito de educação é extremamente complexa e difícil. Ela envolve não só o esclarecimento das relações existentes ou não entre educação e conhecimento, educação e democracia, educação e as chamadas potencialidades do indivíduo, educação e profissionalização, etc.

Envolve, também, o esclarecimento das relações que porventura possam existir entre o processo educacional e outros processos que, à primeira vista, parecem ser seus parentes chegados: doutrinação, socialização, aculturação, treinamento, condicionamento, etc.

Mas há ainda uma outra família de conceitos que se relaciona estreitamente com a educação: a dos conceitos de ensino e aprendizagem. Qual a relação existente entre educação e ensino, entre educação e aprendizagem, e entre ensino e aprendizagem? Analisa-se uma lista de possíveis perguntas a serem feitas acerca do relacionamento dessas noções:

- ✓ Pode haver educação sem que haja ensino?
- ✓ Pode haver educação sem que haja aprendizagem?
- ✓ Pode haver ensino sem que haja educação?
- ✓ Pode haver aprendizagem sem que haja educação?
- ✓ Pode haver aprendizagem sem que haja ensino?
- ✓ Pode haver ensino sem que haja aprendizagem?

Tem se criticado muito uma visão da educação que coloca muita ênfase no ensino (e, conseqüentemente, no professor). O importante, afirma-se, não é o ensino, e sim a aprendizagem. Os mais exagerados chegam quase a afirmar: "Morte

e todas elas contribuindo, de uma maneira ou de outra, para uma compreensão mais ampla e profunda dos problemas com que se depara o ser humano.

Parece desnecessário, também, acrescentar que a filosofia não se preocupa somente com o discurso científico e histórico, como poderiam sugerir os exemplos. O filósofo reflete sobre qualquer tipo de reflexão de primeira ordem: reflexão moral, reflexão religiosa, reflexão artística, etc., e também sobre as reflexões do senso comum. Por isso, há muitas "filosofias": filosofia da ciência (que pode ser ainda mais especializada, havendo a filosofia das ciências naturais, das ciências biológicas, das ciências humanas), filosofia da história, filosofia da religião, filosofia da arte, filosofia do direito, e assim por diante, incluindo-se aí, naturalmente, também a filosofia da educação.

- Filosofia Analítica

A filosofia, do ponto de vista pólo analítico, é aquela atividade reflexiva, realizada, através de análise e de crítica, pelo ser pensante, no exame do significado e dos fundamentos de conceitos, crenças, convicções e pressuposições básicas, mantidos por ele próprio ou por outros seres pensantes. Essa caracterização geral da filosofia deixa entrever que a atividade filosófica é uma atividade reflexiva *de segunda ordem*.

É necessário, porém, ressaltar que nem toda atividade reflexiva de segunda ordem é, necessariamente, filosófica. O sociólogo, por exemplo, ou o psicólogo, pode refletir sobre a atividade do cientista, e sobre ela fazer e responder perguntas que sejam estritamente sociológicas, ou psicológicas, e não filosóficas.

- Filosofia da Educação

Não resta a menor dúvida de que uma das primeiras e mais importantes tarefas da filosofia da educação, a partir da caracterização da tarefa da filosofia sugerida acima, é a análise e clarificação do conceito de "educação". Fala-se muito em educação. "Educação é direito de todos", "educação é investimento", "a educação é o caminho do desenvolvimento". Mas o que realmente será essa educação, em que tanto se fala? Será que todos os que falam sobre a educação usam o termo no mesmo sentido, com idêntico significado? Dificilmente.

expressão não é uma atitude desenvolvida de igual direito para todos. Como desenvolver o diálogo numa sociedade de conflitos? Qual é o papel do educador crítico nessa sociedade? Essas são as questões que irão permear a pedagogia do conflito.

A pedagogia do conflito é a teoria de uma prática pedagógica que procura, não esconder o conflito, mas afrontá-lo, desmascarando-o. Para lutar contra as desigualdades, elas devem estar evidentes para todos os membros de uma sociedade e não ser percebida como um fato natural e universal.

Os conflitos existem porque os interesses das classes sociais são divergentes. Uns lutam pela manutenção do status quo, outros querem a transformação da estrutura social a fim de que se desenvolva maior equidade social. Nesse contexto, o papel do educador segundo Gadotti deve ser: crítico e revolucionário. Seu papel é o de inquietar, incomodar, perturbar: a função do pedagogo parece ser esta: à contradição (opressor/oprimido, por exemplo) ele acrescenta a consciência da contradição.

Essa não é uma tarefa fácil, mas o educador precisa assumir esse desafio, nessa sociedade de conflitos, de classes e de interesses diferentes, de criar condições necessárias que fortaleçam o aparecimento de uma nova concepção de homem, materializada em pessoas conscientes, solidárias, organizadas e capazes de superar o individualismo.

1.4.1. ALGUMAS OBSERVAÇÕES: FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E TEORIA EDUCACIONAL

Filosofia Analítica e Filosofia da Educação

Em que consiste a filosofia da educação? A resposta a esta pergunta pode variar, dependendo do que se entende por filosofia. Ao leigo pode parecer incrível que filósofos profissionais não tenham conseguido chegar a um acordo a respeito do que seja a filosofia, isto é, acerca de seu próprio objeto de estudo, mas esta é a pura verdade. A questão da natureza é tarefa da filosofia já é, ela própria, um problema filosófico, e, como tal, comporta uma variedade de respostas.

Outros vêem nesta situação a grande riqueza do pensamento humano, que, para cada problema que lhe é proposto, é capaz de imaginar uma variedade de soluções, todas elas, em maior ou menor grau, razoáveis e dignas de consideração,

Os educadores precisam compreender que consciente ou inconscientemente toda prática pedagógica está embasada numa teoria, numa filosofia, ou seja, numa concepção de mundo, de educação e de homem que se pretende formar. Esta deveria ser a primeira definição a ser feita, antes mesmo de se definir quais os objetivos da educação.

Percebe-se que a educação tem sido pautada pelos princípios do silêncio, da obediência, do autoritarismo, da hierarquia, da ordem, da passividade, da dissimulação, (fingir o ensinar e o aprender) da omissão, da exclusão, da fraude, da rotulação e da desigualdade. Como resultado dessa prática espera-se que o aluno seja um cidadão crítico, atuante, participativo, honesto, solidário, criativo e humano. É a grande contradição se revelando entre o discurso e o fazer pedagógico.

Nos saberes necessários à prática docente, Paulo Freire nos ensina:

“no processo de fala e escuta, a disciplina do silêncio a ser assumida com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um “sine quo” da comunicação dialógica. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar, é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável de expressá-la.” (Pedagogia da Autonomia, 2001: 131)

Como esperar do aluno que atravessa a educação básica (11 anos) sobre a égide do silêncio, tenha consciência do seu direito de voz? Mais do que um ser que escreve, o homem pode ser definido como ser que fala. Somos seres narrativos. Nossas relações pessoais, sentimentais, amorosas, são permeadas pela oralidade. A escrita no papel não tem a mesma força ordenatória ou salvadora que tem a palavra expressa pela fala. Os psiquiatras nos seus consultórios e os padres nos confessionários conhecem muito bem esse poder.

Precisa-se abrir espaços de comunicação com o aluno, permeada pelo ato da fala e da escuta. Deixar que o aluno fale sobre seu cotidiano, seus sonhos, sua família, seus desejos, seus medos, suas decepções, suas alegrias, suas tristezas, suas fantasias, seus conhecimentos é a forma de considerá-lo como sujeito de sua história. É construir sua identidade e subjetividade pessoal.

Moacir Gadotti, demonstra que se a escola não é o lugar possível para o diálogo para educadores e educandos, é porque na sociedade, a liberdade de

Seria ingenuidade querer negar as contribuições de Paulo Freire, Demerval Saviani, Moacir Gadotti, José Libâneo e de tantos outros teóricos de renome que fecundam o campo da investigação pedagógica e filosófica da educação.

1.4. FILOSOFIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Definir *Filosofia e Filosofia da Educação* não é uma questão simples, pois a sua pluralidade conceitual varia de acordo com a concepção epistemológica defendida pelos diferentes filósofos. Para alguns, a filosofia deveria se preocupar com a essência, para outros a atenção deveria voltar-se para o fenômeno, uns acreditam que a busca da verdade é a função da filosofia. Platão considerava a filosofia como o desenvolvimento do saber em benefício do homem.

Para esta pesquisa, pode-se considerar a concepção de Filosofia e de Filosofia da Educação de Demerval Saviani:

(...) podemos conceituar Filosofia como uma reflexão (radical, rigorosa e de conjunto) sobre os problemas que a realidade apresenta. (...) Filosofia da Educação não seria outra coisa senão uma reflexão (radical, rigorosa e de conjunto) sobre os problemas que a realidade educacional apresenta (Educação: do Senso Comum à Consciência Filosófica 2000, p. 20)

De acordo com esses princípios, a capacidade do educador de pensar sobre sua prática cotidiana, vai muito além de enumerar as teorias da educação de acordo com as concepções pedagógicas e de saber se está sendo construtivista, tradicionalista, idealista ou racionalista. A atitude filosófica, requer a habilidade de identificar, analisar e resolver os problemas da educação.

De acordo com Saviani, a tarefa de *Filosofia da Educação* :

“é de oferecer aos educadores um método de reflexão que lhes permitam encarar os problemas educacionais, penetrando na sua complexidade e encaminhando a solução de questões tais como: conflito entre filosofia de vida e ideologia na atividade do educador, a relação entre meios e fins da educação, a relação entre teoria e prática, os condicionamentos da atividade docente, até onde se pode contá-los ou superá-los (Educação: do Senso Comum à Consciência Filosófica, 2000: 23).

entender o que deu origem ao movimento filosófico é preciso fazer um esforço proposital para se reportar a um mundo e a um pensamento muito diferente do que ao que se está habituado nos dias de hoje; em particular, não se pode ignorar os testemunhos da época que descrevem a importância da contemplação na vida destes filósofos.

De Tales sabe-se que era capaz de calcular e prever os eclipses solares, e deixou demonstrados alguns teoremas de Geometria que são estudados até hoje. O mesmo Tales é citado pelos historiadores antigos como grande amigo de Sólon, o grande reformador de Atenas, o que mostra que, apesar de sua pobreza, não era tido como um cidadão comum.

Quanto a Anaxágoras, aquele que introduziu a filosofia em Atenas, e apontava para o céu para indicar a sua pátria, o mesmo Plutarco atribui a este filósofo toda a formação do caráter de Péricles, o homem mais importante da História Grega depois de Alexandre o Grande, o qual, ademais, também foi educado por outro filósofo na pessoa de Aristóteles.

1.3. FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: NOVAS E VELHAS NARRATIVAS

Relaciona que se vive um novo século, uma nova era. Quem precisava de um acontecimento histórico para marcar essa passagem teve em 11 de setembro de 2001, o espetáculo da explosão do World Trade Center. Uma das características da pós-modernidade, é a transformação de tragédias em grandes espetáculos.

Na atualidade, a máxima de Karl Marx: “tudo que é sólido desmancha-se no ar”, nunca antes foi tão precisa. Identifica-se a era do espetáculo, do fugaz, do efêmero, da velocidade e da virtualidade, onde nada dura, tudo passa. Velhas instituições: família, escola, igreja, polícia, congresso, universidade, a tempos foram atentadas. Hoje a televisão, o rádio, o jornal são fontes consagradas de “verdades e realidades”.

Como herdeiros de uma nova era, mas com corações e mentes no século passado, prende-se aos velhos problemas e ignora-se o presente. Apesar de todo avanço tecnológico e científico, existem problemas do século passado que ainda não foram superados a desigualdade social é um deles.

a Filosofia é vital, pois cria ícones possíveis do mundo das idéias. "Há mais mistérios entre os céus e a terra do que pressupõe a vossa vã Filosofia".¹

1.2. CONTEMPLAÇÃO E SABEDORIA NA FILOSOFIA GREGA

Aristóteles, segundo muitos, o maior dos filósofos gregos, nasceu em Estagira, na Trácia, em 384 a.C. e passou os períodos mais importantes de sua vida em Atenas; foi professor de Alexandre Magno, antes dele suceder a seu pai no trono da Macedônia e iniciar suas conquistas militares na Grécia e no Oriente. Morreu em 322 a. C. Foi discípulo de Platão durante 20 anos; ao morrer o seu mestre, fundou em Atenas uma escola própria de filosofia.

Platão, mestre de Aristóteles, viveu entre 427 e 347 a.C. Foi, por sua vez, discípulo de Sócrates (469-399 a.C). Platão e Aristóteles são os maiores filósofos gregos de que se tem conservados obras completas. Antes de Sócrates há registros espalhados pelas obras de escritores posteriores a respeito de uma grande multidão de filósofos, conhecidos genericamente como pré-socráticos, de que apenas restam fragmentos de seus escritos e informações esparsas sobre suas vidas.

O primeiro destes filósofos é Tales de Mileto, que viveu aproximadamente entre os anos 624 e 554 a.C. A filosofia Grega, assim, tem início por volta do ano 600 a.C com Tales de Mileto, quase 400 anos antes da morte de Aristóteles. Juntamente com Tales de Mileto, os primeiros filósofos pré-socráticos floresceram na região de Éfeso e Mileto, na costa ocidental da atual Turquia, e não em Atenas, onde floresceriam mais tarde seus maiores filósofos, Sócrates, Platão e Aristóteles.

Contemporâneo de Tales foi Anaximandro de Mileto, escreveu uma obra intitulada *Sobre a Natureza*, da qual, como das demais dos restantes pré-socráticos, apenas sobraram fragmentos citados em livros de escritores posteriores. Segundo Anaximandro o princípio da natureza não era a água, nem o ar, nem nenhum outro elemento particular, mas o infinito, algo em que todas as coisas têm origem e em que todas as coisas se dissolvem quando termina o ciclo estabelecido para elas por uma lei necessária.

O primeiro filósofo a ter introduzido a filosofia na cidade de Atenas foi Anaxágoras, por volta de 450 a.C, no auge do poder político ateniense. Para

¹ William Shakespeare, s.n.d.

CAPÍTULO I

FILOSOFIA

1. AFINAL, O QUE É A FILOSOFIA?

Percebe-se que não se pode falar sobre o Mito sem mencionar antes alguns dados e relatos sobre a Filosofia. Historicamente, o primeiro pensador grego a usar a palavra FILOSOFIA foi Pitágoras de Samos no Século VIII a.C. E desde então se levantou, a maior e a mais profunda discussão de todo o pensamento humano, pois todas as demais questões resumem-se a esta: O que é a Filosofia?

Esta afirmação se consolida quando se observa a tentativa de todos os Filósofos em conceituar a Filosofia, partindo daí para criar os seus próprios conceitos filosóficos, bem como sua visão de mundo. Etimologicamente, a palavra Filosofia é composta de dois radicais gregos:

- *Filo* - Amigo ou amante. Aquele que deseja e se compromete afetosamente e incondicionalmente a outrem em atitude de amor e lealdade.
- *Sofia* - Sabedoria = A sabedoria para o grego era algo divino, que era revelado aos mortais pelos deuses. A sabedoria não era adquirida por mérito, mas por dádiva dos deuses.

Partindo do conceito etimológico, ousa-se tentar construir uma idéia sobre o que possa vir a ser a Filosofia numa perspectiva de três faces conceituais.

- *Filosofia é razão* – O Filósofo é a razão em movimento na busca de si mesma. A Filosofia surge na Grécia Arcaica na passagem das explicações míticas-religiosas para as explicações racionais-filosóficas sobre questões inerentes ao ser e ao mundo. A idéia da Filosofia como razão consolidou-se na afirmação de Aristóteles: “O homem é um animal racional”.
- *Filosofia é Paixão* – O Filósofo antes de tudo é uma amante da sabedoria. Toda atitude humana, inicialmente é passional. O que move o mundo não é a razão, mas a paixão. O coração tem razões que a própria razão desconhece.
- *Filosofia é Mito* – O Filósofo é um mítico em busca da verdade velada. Só pensamos naquilo que cremos, e só cremos naquilo que queremos. O mito para

esvaziou os céus, antes povoados de deuses, a sociologia e a psicologia descobriram forças que se impõem ao pensamento e à vontade humana, e portanto, atuam e se manifestam de modo autônomo.

Se uma das características fundamentais do pensamento mítico é efetivamente a aceitação a crítica das narrativas e explicações que ele produz, será então extremamente difícil que uma sociedade reconheça seus próprios mitos como tais, pois isso significaria considerá-los de um ponto de vista crítico, de forma que eles passariam a ser vistos como mera ficção ou, se aceitos como verdadeiros, tornar-se-iam valores morais, religiosos ou éticos. Em qualquer caso, existe uma resistência individual e social a "desmascarar" o mito e a considerá-lo em seu caráter de linguagem simbólica.

Pretende-se lançar a proposta, a de olhar para a modernidade, analisando que o passado é presente, mas que para entendê-lo é preciso pensar no "devir", no vir a ser e nas possibilidades eminentes do presente que começam a constituir uma nova concepção de mundo, de homem e de educação.

INTRODUÇÃO

Procurar pensar o que é Filosofia? O que é Filosofia da Educação? Quais seus representantes? Quais as contribuições das teorias pedagógicas para a melhor compreensão do processo ensino-aprendizagem? Que relações podem ser estabelecidas a prática pedagógica? As contribuições de alguns autores. São questões que ainda não foram superadas de todo o terreno pedagógico.

Ao entrar em contato com o mundo, o homem não é apenas uma "cabeça que pensa" diante de um "mundo como tal". Entre os dois existe a fantasia e a imaginação. Portanto, antes de interpretar o mundo, o homem o deseja ou o teme, neste sentido volta-se para ele ou dele se oculta.

Entende-se que o mito tornou-se, com o tempo, mera literatura, embora encontrem dificuldades para estabelecer com precisão quando teria cessado a criatividade mítica. Outros estudiosos, ao contrário, consideram o pensamento mítico uma constante antropológica, complementar ao pensamento racional (e não um estágio "menos evoluído" deste). Relaciona-se: O que é Mito? Sua função, a mitologia, os deuses, procurar conhecer a importância do mito na religião, na sociedade e na atualidade, hoje.

Apontam, para demonstrá-lo, indícios de que o pensamento mítico está em operação em muitas das manifestações culturais contemporâneas (como a arte). Em convivência com a reconhecida tendência à secularização, que "desmitologiza" os símbolos religiosos, morais ou épicos e os equipara a pura "ilusão", existiria uma outra, responsável pela produção de novos mitos ou, mais exatamente, novas formas simbólicas dos temas míticos tradicionais.

O pensamento racional e científico não seria, portanto, um "desmascarador" de mitos e substituto do pensamento mítico, mas pode ser capaz de reconhecer sua atualidade. Enquanto a astronomia, com suas descobertas,

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
MITO E EDUCAÇÃO	
FILOSOFIA	
1.1. Afinal o que é a Filosofia?.....	10
1.2. Contemplação e Sabedoria na Filosofia Grega.....	11
1.3. Filosofia da Educação: Novas e Velhas Narrativas.....	12
1.4. Filosofia e Filosofia da Educação.....	13
1.4.1. Algumas Observações: Filosofia da Educação e Teoria Educativa.....	15
1.5. Contribuições de Alguns Autores.....	20
1.6. Concepção de Verdade e Teoria Deflacionária.....	22
CAPÍTULO II	
MITO	
2.1. Definição: O que é um Mito?.....	25
2.2. Funções do Mito.....	26
2.3. Mito e Mitologia.....	27
2.3.1. Deuses e Heróis.....	27
2.4. Mito e Religião.....	28
2.5. Mito e Arte.....	29
2.6. O Mito Hoje.....	30
2.7. Mito e Sociedade.....	32
CONCLUSÃO	33
BIBLIOGRAFIA.....	34

*"...A verdade enfática do gesto nas grandes
circunstâncias da vida."*

Baudelaire

A Deus. Aos meus pais e meu esposo, que muitas vezes abriram mão de momentos de convívio e sofreram minha ausência quando o dever e o estudo me chamava. A vocês que revestiram minha existência de amor carinho e dedicação cultivando em mim valores que me transformaram em uma pessoa responsável e consciente, abrindo as portas para o meu futuro com a luz mais brilhante que puderam encontrar: O Estudo.

Esta Monografia é dedicada ao Maior ser de todo o Universo: Deus. É também a minha família que me apoiaram nas horas mais difíceis, com seu apoio incondicional.

Jaqueline Elen da Silva Mendonça

Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba

Monografia apresentada no dia 15 de dezembro de 2003, como parte das exigências do Curso de Filosofia.

Paulo Henrique Vasconcelos
Orientador

Helena de Fátima Araújo
Professora

JAQUELINE ELEN DA SILVA MENDONÇA



MITO

Monografia apresentada como requisito para conclusão do Curso de Filosofia da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, sob a Orientação do Professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

Handwritten mark: 1103

5-30709

Tombo nº	8458
Classif.:	
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	19.03.04

RUBIATABA
2003

JAQUELINE ELEN DA SILVA MENDONÇA

MITO

FACER
2003